

O aborto e o crescimento do islã

Ivanaldo Santos
Filósofo (ivanaldosantos@yahoo.com.br)

Um dos projetos e programas de maior êxito na sociedade ocidental contemporânea é o controle da natalidade. Este controle se dá de diversas formas, tais como: ampla distribuição de preservativos sexuais e de anticoncepcionais, ampla campanha na mídia e nas escolas contra qualquer forma de contracepção, maciço incentivo ao homossexualismo e a prática do aborto.

Não é intenção desse pequeno artigo realizar uma ampla análise do êxito dos projetos e programas de controle da natalidade implantados, muitas vezes de forma autoritária, nos países do Ocidente. A intenção é bem mais simples: tenciona-se fazer uma relação entre o êxito da política e dos programas pró-aborto e o crescimento da religião muçumana no Ocidente.

Inicialmente, é necessário realizar 2 constatações.

1. Os valores culturais, políticos e estratégicos do Islã são divergentemente diferentes dos ocidentais. Uma população majoritariamente muçumana em algum país do Ocidente pode acarretar que valores e práticas sociais rejeitadas por esse país se torne uma obrigatoriedade social. Alguém imagina algum país ocidental dito moderno ou pós-moderno tendo que adotar o véu islâmico? Ou as rígidas práticas religiosas do islã?

2. Não se deve imaginar que o Ocidente não deseja ter uma maioria muçumana por questões religiosas, e principalmente por causa da religião cristã. É preciso ter consciência que oficialmente o Ocidente é ateu ou neopagão. Desde o século XVIII que as elites ocidentais passam por um progressivo processo de adesão ao ateísmo. E durante o século XX as classes médias aderiam, com grande entusiasmo, ou ao ateísmo ou a alguma forma de neopaganismo. Como afirma o filósofo Battista Mondin: “Depois da revolução francesa, o ateísmo impregnou a sociedade em todas as suas expressões culturais: é atéia a política, a cultura, a ciência, a educação, a economia, a filosofia, a moral; são ateus os costumes e os meios de comunicação de massa; são atéias as manifestações públicas e a conduta privada. Todo o ser sociocultural está impregnado de ateísmo, da cabeça aos pés. O ateísmo é, para a nossa sociedade e sua cultura, aquilo que a religião foi para a sociedade e as culturas que a precederam” (Citado

originalmente em: MONDIN, Battista. *Quem é Deus? – Elementos de teologia filosófica*. Tradução José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1997, p. 141).

As diversas elites ocidentais se orgulham de não serem mais cristã. Por sua vez, os Estados nacionais ocidentais são leigos e, em grande medida, anticristãos e anti-religiosos. Um pequeno mais significativo exemplo dessa questão foram às discussões para a aprovação da Constituição da União Européia. Durante essas discussões o Vaticano propôs que as raízes cristãs da Europa fossem mencionadas oficialmente nessa Constituição. Apesar dos apelos da Santa Sé isto não aconteceu. Na prática, o único Estado e a única sociedade genuinamente cristã no Ocidente é o Vaticano.

Não se deseja entrar na discussão se há ou não uma guerra de civilizações. Se realmente existe no mundo a seguinte dicotomia: de um lado, o Ocidente, oficialmente ateu e adepto de todas as formas de vanguardas sócio-culturais, do outro lado, o islã, uma civilização presa a valores religiosos e considerados pelo Ocidente como ultrapassados e conservadores.

Entretanto, o fato recorrente é que atualmente o islã é uma civilização em franca expansão pelo planeta terra. De um lado, o islã se expande por meio da luta armada e da conquista militar. Do outro lado, ele se expande por meio da alta taxa de natalidade.

Enquanto no Ocidente a média é de um filho para cada 2 mulheres e em países como, por exemplo, o Canadá e a Suécia a média é de um filho para cada 4 mulheres, uma única mulher islâmica tem, no mínimo, 6 filhos. A taxa de natalidade das mulheres islâmicas é uma das maiores do mundo atingindo a média de 6,2 filhos por mulher.

Enquanto o islã cresce espantosamente devido, em grande medida, a alta taxa de natalidade, o Ocidente envelhece e a sua população diminui rapidamente. Em grande medida, isto se deve a agressiva política e os programas de controle da natalidade, especialmente ao aborto.

Atualmente, no Ocidente ter filhos se transformou em uma doença, uma maldição ou um crime. A imagem positiva da gravidez, do feto e do nascimento de uma bebê a muito tempo que foi desfeita pela política de “não ter filhos” ou “ter apenas um filho”. Nos países ocidentais as pessoas são educadas, desde crianças, a terem uma visão negativa da gravidez e do feto. Além disso, elas são educadas para pensar que a melhor condição, dentro da sociedade do consumo e da competição, é não ter filhos.

Devido a este triste quadro o islã tem crescido rapidamente nos países ocidentais. Um pequeno exemplo desse problema é que “no Reino Unido, o segundo nome mais atribuído às crianças em 2006 foi Maomé, o nome do fundador do islã. Maomé superou

nomes tipicamente ingleses, como Thomas ou Oliver. A razão é óbvia: as famílias maometanas têm muito mais filhos que as inglesas, e mostram maior coerência com as tradições religiosas. Os muçulmanos correspondem a 3% da população britânica e estão em rápida expansão, pois atingem uma taxa de nascimento três vezes superior à dos não-islâmicos. (Disponível em <http://lumenrationis.blogspot.com/>. Acessado em 07/03/2008.).

Em países como, por exemplo, Espanha, Alemanha e Holanda já se discute abertamente o problema do crescimento acelerado do islã. Entretanto, em nenhum país a situação é tão grave como na França. Neste país já se fala até de uma maioria mulçumana, dentro de sua população, nos próximos 30 anos. Está perspectiva é alarmante. Desde o século XVIII, a França é sinônimo da democracia e modelo de todos os modismos intelectuais e de todas as vanguardas culturais. Se o islã continuar a crescer em ritmo acelerado neste país, em pouco tempo poderá por meio da própria democracia impor aos franceses sua religião, sua cultura e seu estilo de vida.

Trata-se de uma equação matemática muito simples: na democracia vence quem tiver mais votos. Como o islã cresce rapidamente devido a alta taxa de natalidade e as populações ocidentais, especialmente a população francesa, diminui, também rapidamente, devido a forte política de controle da natalidade, especialmente a prática do aborto, então o triunfo eleitoral do islã é inevitável na França e em outros países ocidentais.

Deter o crescimento do islã é algo muito complicado e complexo. Todavia, ninguém pode negar que a baixa taxa de natalidade do Ocidente é um forte fator que impulsiona este crescimento.

Não existe uma fórmula mágica para deter este crescimento, entretanto é preciso ter consciência de que se o Ocidente deseja conservar sua cultura e seus valores, incluindo a liberdade e a democracia, precisa com urgência rever sua política de controle da natalidade, especialmente os programas de apoio e incentivo a prática do aborto.

O Ocidente precisa novamente valorizar a natalidade, o casamento, a gravidez, o feto e o nascimento dos bebês. A chegada de um(a) filho(a) precisa novamente ser vista com otimismo. Só assim os baixíssimos índices de natalidade serão lentamente revertidos e, por conseguinte, os países ocidentais se encherão de juventude, de alegria, de desejo de viver e, por conseguinte, será possível pensar em rechaçar totalmente o perigo de uma maioria islâmica dentro do Ocidente.

Para concluir, é preciso ter a firme consciência que combater e criticar o aborto é uma forma eficiente de evitar o triunfo do Islã no Ocidente. Para que os países ocidentais possam manter seus valores culturais, sua liberdade, incluindo a democracia, é preciso ter filhos e renegar a política e a prática do aborto.